
Para criminalistas, Carla Cepollina merece ser absolvida

Carla Cepollina foi quem apertou o gatilho contra o coronel Ubiratan Guimarães, mas merece ser absolvida porque agiu em legítima defesa. A opinião é unânime entre os importantes criminalistas que foram ouvidos pela revista **Consultor Jurídico**, mas que só assumem essa posição em *off* (pediram para que seus nomes não fossem revelados).

“Aquele homem era uma fera”, diz um dos profissionais ouvidos, “resolvia seus problemas à bala”. Outro criminalista completa: “Ele estava se levantando do sofá para, no mínimo, dar-lhe umas bolachas. Ela pegou a arma que era dele e estava à mão e fez o que pôde, atirou na barriga, que não é área letal, porque não quis matar, quis apenas detê-lo”. Para outro, Cepollina só queria se livrar da agressão do coronel e “não teve tempo de pensar se queria matar ou não”.

Baseado em notícias veiculadas pela imprensa, **Alberto Zacharias Toron**, dos poucos criminalistas que concordou abordar abertamente o caso, diz que, descontadas as distorções publicadas pela imprensa, “há uma forte suspeita que ela seja a culpada, mesmo porque não vejo outro suspeito” (*Leia, após a notícia, as correções feitas por Toron no espaço reservado a comentários*).

Luiz Flávio Gomes segue a mesma linha. “Pelo que foi publicado nos jornais, a suspeita contra ela é muito forte. Há indícios de que foi ela, mas se esses indícios serão suficientes para condená-la, é outra história.” Quando questionado sobre a tese de legítima defesa, discorda de todos. “A posição do tiro não demonstra a hipótese de legítima defesa. O tiro foi de cima para baixo, além do que, não há indícios que revelem briga entre o casal.”

A defesa

Os criminalistas também questionam o fato de Carla Cepollina ser defendida pela sua própria mãe, Liliana Prinzivalli. Segundo alguns deles, um advogado criminalista nunca pode defender, num caso grave, pessoas próximas, muito menos a filha, isso porque o envolvimento emocional pode atrapalhar a defesa.

Segundo **Mário de Oliveira Filho**, esse tipo de relação não dá certo, porque “a mãe não tem isenção nenhuma para se envolver com o crime. Num caso de o réu ir a júri, é preciso equilibrar emoção e razão.” Outro profissional ouvido pela **Conjur** alfineta: “Qualquer júri compreenderá que o amor materno é tão grande que leva a burrices. Todas as bobagens que Carla fez depois do tiro foi por orientação de sua mãe desesperada”.

Outro fator desfavorável à acusada é a coleção de inimizades que Liliana Prinzivalli acumulou em sua carreira na Polícia, Ministério Público, magistratura e advocacia.

Histórico

O coronel da Polícia Militar Ubiratan Guimarães, que comandou o massacre do Carandiru e era deputado estadual pelo PTB, foi encontrado morto com um tiro no abdômen em seu apartamento, no

bairro dos Jardins, em São Paulo. O crime aconteceu no domingo, 11 de setembro.

Em 2001, Ubiratan foi levado a júri popular pelo massacre e condenado a 632 anos de prisão pela morte de 102 dos 111 presos. Em fevereiro de 2006, a sentença foi revertida. O Tribunal de Justiça de São Paulo o absolveu, por 20 votos a 2.

A maioria dos desembargadores acatou os argumentos apresentados pela Defensoria e inocentou o coronel. A absolvição causou reações de indignação de entidades de direitos humanos no Brasil e no exterior, como a Anistia Internacional.

Date Created

24/09/2006